



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE BACHAREL EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

MARIA KAROLINNE MOREIRA DA COSTA

**A UTILIZAÇÃO DE INDICADORES GERENCIAIS: UM OLHAR PARA OS
MICROEMPREENDEDORES NA FEIRA-LIVRE DA CIDADE DE SUMÉ - PB**

**MONTEIRO - PB
2017**

MARIA KAROLINNE MOREIRA DA COSTA

**A UTILIZAÇÃO DE INDICADORES GERENCIAIS: UM OLHAR PARA OS
MICROEMPREENDEDORES NA FEIRA-LIVRE DA CIDADE DE SUMÉ - PB**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Ciências
Contábeis da Universidade Estadual
da Paraíba – UEPB, como requisito
parcial para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Contábeis.**

Orientador: Professor Me. Gilberto Franco de Lima Junior.

**MONTEIRO - PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

C837u Costa, Maria Karolinne Moreira da.
A utilização de indicadores gerenciais [manuscrito] : um olhar para os microempreendedores na feira-livre da cidade de Sumé - PB / Maria Karolinne Moreira da Costa. - 2017
42 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Gilberto Franco de Lima Junior, Coordenação do Curso de Ciências Contábeis - CCHE."

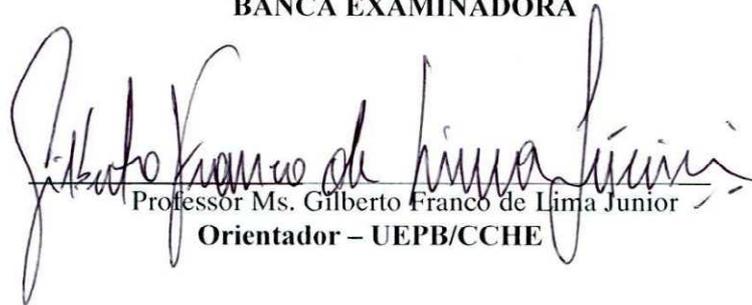
1. Indicadores gerenciais. 2. Microempreendedor individual. 3. Contabilidade gerencial. 4. Feira livre.

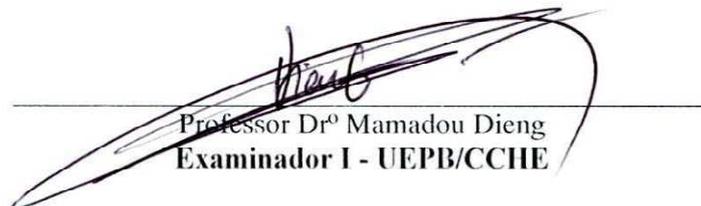
21. ed. CDD 658.1511

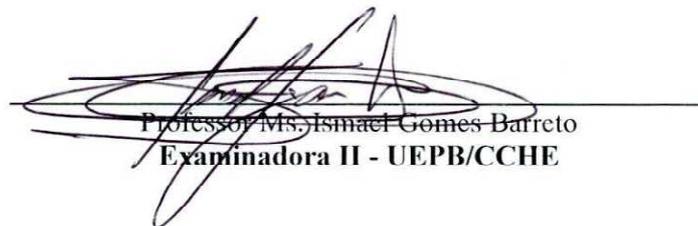
MARIA KAROLINNE MOREIRA DA COSTA

**A UTILIZAÇÃO DE INDICADORES GERENCIAIS: UM OLHAR PARA OS
MICROEMPREENDEDORES NA FEIRA-LIVRE DA CIDADE DE SUMÉ - PB**

BANCA EXAMINADORA


Professor Ms. Gilberto Franco de Lima Junior
Orientador – UEPB/CCHE


Professor Drº Mamadou Dieng
Examinador I - UEPB/CCHE


Professor Ms. Ismael Gomes Barreto
Examinadora II - UEPB/CCHE

Aprovação em: 14 / 11 /2017.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são essências nesse trabalho, pois, nos dá oportunidade de mostrar nosso reconhecimento as pessoas que nos acompanharam no decorrer dessa jornada, nos dando apoio, carinho, nos colocando para cima quando mais precisamos.

Agradeço primeiramente a Deus, que me iluminou para que eu passasse nesse curso e me protegeu todos os dias nas idas e vindas de Sumé para Monteiro, sempre guiando meus passos.

Aos meus pais Vera Lucia e Carlos Alberto, aqueles a quem devo tudo, que me proporcionaram meus estudos e que moldou minha vida através de seus exemplos de caráter, responsabilidade, profissionalismo e acima de tudo acreditando nos meus sonhos e na minha capacidade para correr em busca deles.

As minhas irmãs, Karla e Kamilla, por todo o carinho e incentivo todo esse tempo, sem me deixar desanimar. Mostrando com os próprios exemplos a correr e lutar pelos sonhos.

A Karla que mesmo morando longe, sinto seu carinho presente a todo tempo, principalmente agora que me deu um lindo presente que foi Isabela, minha sobrinha, isso fez com que eu tivesse mais motivos ainda para vencer na vida.

E Kamilla, por ser minha parceira, minha amiga, meu apoio.

Ao meu orientador e Gilberto Franco, por toda a paciência que teve comigo desde que era meu professor e agora meu orientador, sempre corrigindo e dando atenção a todos os meus trabalhos. Um grande exemplo de professor.

Ao meu namorado Max, por estar comigo todo esse tempo, me dando força para alcançar meus objetivos.

E por fim, agradeço a todas as minhas amigas que a UEPB me presenteou no decorrer desses anos. Umas desistiram no decorrer do curso e outras continuaram comigo até o fim. Elas que fizeram meus dias de universitária muito mais feliz, cada uma com seu jeito diferente. Foram sorrisos e momentos que levarei comigo para a vida toda.

Muito obrigada a todos vocês por tudo.

RESUMO

Este estudo apresenta como objetivo geral analisar o estudo experimental na gestão de negócio, no que tange ao uso de indicadores gerenciais pelos microempreendedores na feira livre de Sumé-PB. Como justificativa, a presente pesquisa almeja contribuir com as pesquisas relacionadas às feiras livres. Trata-se de um setor que tem grande importância na geração de empregos e melhoria da qualidade de vida das pessoas que garantem sua renda, e a da sua família, a partir dos produtos que são cultivados no campo para a sua sustentabilidade e economia local. Além do sustento pessoal, essa atividade agrícola movimenta também o desenvolvimento econômico regional, caracterizando-se assim um campo de estudo bastante importante para o grupo acadêmico e empreendedor. Metodologicamente, este estudo pode ser classificado como descritivo, e apresenta características qualitativas. Quanto ao tipo de pesquisa, apresenta particularidades de pesquisa de natureza bibliográfica, e também pode ser classificada como estudo de caso. A coleta dos dados deu-se a partir da aplicação de questionários com os microempreendedores que tem bancas cadastradas para estar todas as segundas-feiras, dia que ocorre a feira local do município. Como resultados, verificou-se que o número de empreendedores que trabalham na feira de livre de Sumé – PB, e que utilizam os indicadores gerenciais ainda é mínimo, se considerarmos o tempo em que estes trabalham como autônomos e que o acesso à informação e a comunicação é um elemento amplo na atual sociedade moderna, ou seja, buscar capacitação e informações técnicas não é um privilégio de determinados cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Contabilidade. Empreendedores. Indicadores Gerenciais. Feira Livre.

ABSTRACT

This study has as general objective to analyze the experimental study in the management, regarding the use of managerial indicators by microentrepreneurs in the Sumé-PB fair. As justification, the present research aims to contribute with the research related to the free fairs. It is a sector that has great importance in the generation of jobs and improvement of the quality of life of the people who guarantee their income, and that of their family, from the products that are cultivated in the field for their sustainability and local economy. In addition to personal support, this agricultural activity also drives regional economic development, thus characterizing a very important field of study for the academic and entrepreneurial group. Methodologically, this study can be classified as descriptive, and presents qualitative characteristics. As for the type of research, it presents particularities of research of a bibliographic nature, and can also be classified as a case study. The data collection was done from the application of questionnaires with the microentrepreneurs who have cadastro stores to be every Monday, the day that occurs the local fair of the municipality. As a result, it was verified that the number of entrepreneurs who work in the Sumé-PB free trade fair and who use managerial indicators is still minimal, considering the time they work as freelancers and that access to information and Communication is a broad element in today's modern society, that is, seeking training and technical information is not a privilege of certain citizens.

KEYWORDS: Accounting. Entrepreneurs. Management Indicators. Free Fair.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
1.1	Apresentação do Tema.....	07
1.2	Caracterização do Problema.....	09
1.3	Objetivos da Pesquisa.....	09
1.3.1	<i>Objetivo Geral.....</i>	<i>09</i>
1.3.2	<i>Objetivos Específicos.....</i>	<i>09</i>
1.4	Justificativa.....	09
1.5	Organização do Trabalho.....	10
2	APORTE TEÓRICO.....	11
2.1	A Contabilidade Gerencial.....	11
2.2	Avaliação de Desempenho.....	13
2.3	A Importância e a Função dos Indicadores Gerenciais.....	18
2.4	Microempreendedor no Brasil.....	21
2.4.1	<i>Feiras livres.....</i>	<i>22</i>
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	25
3.1	Classificação Quanto à Forma de Abordagem do Problema.....	25
3.2	Classificação Quanto aos Objetivos.....	25
3.3	Classificação Quanto aos Procedimentos Técnicos.....	26
3.4	Métodos de Abordagem.....	26
3.5	Universo e Amostra da Pesquisa.....	27
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	37
	APÊNDICE.....	41

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do Tema

A globalização alterou consideravelmente o panorama que representa atualmente as empresas, pois este é caracterizado por constantes mudanças, sendo a principal, a concorrência agressiva e a grande velocidade em que essas alterações estão ocorrendo. A literatura que versa sobre a temática debatida no presente estudo, revela haver um consenso entre autores e pesquisadores, quando debatem atualmente que os produtos estão com os ciclos de vida cada vez menores, as inovações tecnológicas são mais recorrentes, e as exigências dos consumidores estão aumentando a cada dia.

Para que o empresário, empreendedor e até mesmo os microempreendedores consigam se sobressair neste mercado, a solução é aderir aos novos fatores estratégicos, como diversificar produtos, dedicar maior foco aos clientes, incorporar novos serviços e conseqüentemente melhorar a qualidade das ações que já são oferecidas, reduzir custos e prazos de entrega, entre outros. (RODRIGUES, SCHUCH e PANTALEÃO, 2003).

Tomando como base essas mudanças constantes no atual contexto do mercado, verifica-se a viabilidade de utilização dos indicadores gerenciais como ferramentas centrais, que permitirem um acompanhamento das principais variações de interesse da empresa, e devido a possibilidade de planejamento de ações, de modo que sejam implementadas as melhorias necessários para o aprimoramento do bom desempenho do negócio.

A esse respeito, Rodrigues, Schuch e Pantaleão (2003, p. 02) afirmam que as medições são um elemento essencial na gestão, “pois explicitam problemas e facilitam a tomada de ações de modo a resolvê-los. Muitas medições são realizadas e decisões gerenciais são tomadas em função destes elementos”.

Na visão de Goldratt (1999), o objetivo dos indicadores é motivar as partes a fazer o que é bom para a organização como um todo. Já Hronec (1994) por sua vez, aponta que os “sinais vitais” dizem às pessoas o que elas estão fazendo e como estão se saindo como parte do todo. Outra contribuição acerca da temática proposta é debatida por Rummler & Brache (1994, p. 168) quando enfatizam que “a medição é o instrumento central do gerenciamento e aperfeiçoamento de desempenho. Sem medidas, não temos o desempenho desejado. Com medidas erradas, nós subotimizamos o desempenho da organização.” [...] “Medimos para que possamos monitorar, controlar e aperfeiçoar o desempenho do sistema [...]”. (HARRINGTON, 1993, p. 35).

Sendo assim, observa-se a importância da contabilidade gerencial, tendo em vista que trata-se de uma área específica, e que trabalha totalmente voltada para a administração da empresa, para ajudar a controlar e melhorar o patrimônio mostrando o melhor caminho que deve ser seguido, tendo em vista que os microempreendedores em sua maioria, necessitam de programas de organização, e por essa razão buscam orientação e utilizam os indicadores gerenciais, haja vista que consistem em elementos que auxiliam de forma significativa na mensuração e avaliação de desempenho.

É importante frisar que para cada setor de atividades podem ser elaborados grupos diferentes de indicadores gerenciais. Para um bom gerenciamento é preciso analisar o que foi feito das ações tomadas, separando os resultados positivos e os negativos, utilizando assim, os indicadores. Quanto mais informações existir, melhor será para os indicadores. A esse respeito, Ramos (2000) considera em seus apontamentos que “sem comunicação, não é possível entender as mudanças. E saber lidar com elas é essencial ao bom gestor”.

A título de organizar melhor a exposição dos argumentos que sustentam nosso estudo, o texto estrutura-se da seguinte forma: na introdução, apresento o tema da investigação, expondo, posteriormente a caracterização da pergunta problema, e os objetivos, para os quais, perseguimos resposta(s).

Na sequência, detém-nos em apresentar o arcabouço teórico que nos serviu como fundamentação para as reflexões acerca da temática em discussão. Em seguida, apontamos os resultados que foram coletados em campo, a partir da participação voluntária dos empreendedores que trabalham na feira livre da cidade de Sumé - PB.

Por fim, teceu-se as considerações finais, expôs-se as referências utilizadas e os apêndices do trabalho.

1.2 Caracterização do Problema

Desta forma, aponta-se como pergunta norteadora desta pesquisa a seguinte indagação: **Como são utilizados os indicadores gerenciais pelos feirantes no município de Sumé-PB?**

1.3 Objetivos da Pesquisa

1.3.1 Objetivo Geral

- Compreender a gestão de negócio, no que tange ao uso de indicadores gerenciais pelos microempreendedores na feira livre de Sumé-PB.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar os indicadores gerenciais que os feirantes utilizam no município de Sumé-PB;
- Conhecer a forma de utilização de indicadores gerenciais na gestão do próprio negócio pelos microempreendedores da feira livre de Sumé-PB;
- Verificar se existe diferença nas vendas dos feirantes que utilizam indicadores gerenciais com aqueles não empregam esses indicadores gerenciais em suas atividades empreendedoras.

1.4 Justificativa

O fator motivador desse estudo partiu da necessidade de compreender a dimensão real da relação que pode ser estabelecida entre a área da contabilidade gerencial, com esse setor analisado, e que tem grande importância na geração de empregos e melhoria da qualidade de vida das pessoas que garantem sua renda, e a da sua família, a partir dos produtos que são cultivados no campo.

Além do sustento pessoal, essa atividade agrícola movimenta também o desenvolvimento econômico regional. Trata-se de um tema de grande relevância para o contexto acadêmico da área das Ciências Contábeis, Administração, Ciências Sociais, Matemática, e como fonte de leitura para estudantes e pesquisadores de diversas outras áreas do conhecimento.

Para Davis (Apud NAKAGAWA 2007, p. 60) “A informação é o dado que foi processado de uma forma compreensível para o seu recipiente e que apresente um valor real ou percebido para suas decisões correntes ou prospectivas”.

No momento da coleta de dados no campo analisado, verificou-se que algumas vezes as feiras livres passam a impressão de um ambiente sem organização, por se tratar de um comércio que ocorre ao ar livre, e com um trânsito constante de pessoas. No entanto, é desse cenário que surgiu o interesse em pesquisar a área dos microempreendedores da feira livre de Sumé, e analisar se os feirantes participantes da pesquisa utilizam algum indicador gerencial em seus negócios.

1.5 Organização do Trabalho

Como segmentação este trabalho está estruturado da seguinte maneira: Introdução, expondo o tema, a problemática, os objetivos da pesquisa, os fatores que justificam sua relevância e a metodologia empregada na sua formulação.

Na seção seguinte foi exibida a discussão sobre a os conceitos elementares respaldados por teóricos e estudiosos de cada temática, a saber, Contabilidade Gerencial, Indicadores Gerenciais, Logística e Organização de um comércio.

A terceira seção foi direcionada para a apresentação da metodologia e do método empregado.

A quarta parte foi dedicada à análise dos resultados coletados em campo. Na última parte textual, foram expostas as considerações finais.

Como encerramento foi delimitado as obras e autores usados no embasamento do texto.

2 APORTE TEÓRICO

2.1 A Contabilidade Gerencial

No processo de tomada de decisão inerente ao âmbito empresarial, as escolhas de opções dentre cursos alternativos que melhor atenda aos interesses e objetivos é um elemento essencial. Identificar e ponderar os principais aspectos relacionados a um determinado contexto são de fundamental importância no processo de tomada de decisão, tratando especificamente como referência coletora de dados relevantes a partir dos aspectos informacionais sobre custos, despesas, mercado e tecnologias se tornam fundamentais.

Os aspectos que definem o que deverá ser paulatinamente medido e avaliado nas diferentes atividades realizadas por uma empresa ou organização é uma tarefa complexa. Determinar quais medidas devem ser utilizadas depende da complexidade do processo que se busca avaliar, bem como da sua importância em relação aos resultados e as metas que são estabelecidas pela empresa, e ainda, referente à expectativa de uso gerencial posterior destes dados.

Dessa forma, fica claro que as medidas de desempenho devem ser utilizadas com um foco posterior na avaliação, cumprindo a finalidade de integrar as diferentes áreas de atuação da empresa. Dados relativos a uma área específica podem ser de grande importância para outra.

A área contábil nas últimas duas décadas tem apresentado acentuado crescimento, e principalmente inovações nos ramos de atuação, deixando de ser apenas uma demonstração pura dos números, pois, trata-se de uma área científica e com grande abrangência no mercado, que vem atendendo de maneira consolidada, de modo que seja possível proporcionar subsídios estratégicos nas tomadas de decisões nas mais diversas áreas das organizações e empresas, cumprindo com a finalidade de impulsionar condições de melhorias nos processos internos, tais como: diminuição dos custos, expansão operacional e otimização dos recursos com as pessoas que integram o empreendimento.

Tais contribuições, principalmente do ramo da Contabilidade Gerencial, conforme apontam em seus estudos autores como Atkinson et al (2000), Horngren et al (2004), Ludícibus (2009) e Padoveze (2010), são unânimes ao afirmar que essa área de atuação garante à empresa que o desejável crescimento não ocorra de forma irregular e volúvel, uma vez que fatores negativos podem desencadear consequências ruins, e afetem de forma danosa em seu desenvolvimento financeiro, na expansão e na consolidação no mercado. Esse leque

de fatores negativos pode ser gerador de dívidas e até mesmo de situações onde a solução possa levar ao encerramento das atividades.

A esse respeito, fica claro que através dos mecanismos pautados na Contabilidade Gerencial, uma empresa que esteja mal estruturada e sem visão de seus acontecimentos contábeis, poderá deixar de ser uma presa fácil para o mercado competitivo, a partir da adoção de uma visão adequada, o que permitirá que a organização passe a ter capacidade de expansão e solidificação operando de forma positiva e rentável. Partindo desse pressuposto, Atkinson et al (2000, p. 36) afirma que a “contabilidade gerencial é o processo de identificar, mensurar, reportar e analisar informações sobre os eventos econômicos das empresas”.

Sendo assim, fica claro que uma empresa para obter sucesso e ter condições de se estruturar de maneira adequada e competitiva é necessário o ampliar os processos de planejamento estratégico, para que seja possível identificar a posição do mercado de atuação, e também ter mecanismos de avaliar com precisão os tipos de decisões que devem ser tomadas, para os objetivos e as metas traçadas sejam efetivamente atingidas, de forma que ocorra a maximização dos lucros e dos bons resultados.

Dessa forma, a Contabilidade Gerencial na visão de Pizzolato (2000, p. 195), colabora com as organizações, pois “produz informação útil para a administração, a qual exige informações para vários propósitos tais como: auxílio no planejamento; na medição e avaliação de performance; na fixação de preços de venda e na análise de ações alternativas”.

Com base nas informações acima descritas, fica claro que os pressupostos teóricos da contabilidade gerencial têm sido utilizados como ferramenta de conhecimento e de suporte necessários para que os gestores de uma determinada empresa ou organização possam manter o controle interno e externo em efetivo funcionamento, e corrigindo as lacunas identificadas, de forma que possam ser cada vez menores.

Dessa forma, Ludícibus (2009) traz sua contribuição para o presente estudo, quando define que,

A contabilidade gerencial pode ser caracterizada, superficialmente, como um enfoque especial conferido a várias técnicas e procedimentos contábeis já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, na contabilidade de custos, na análise financeira e de balanços etc., colocados numa perspectiva diferente, num grau de detalhe mais analítico ou numa forma de apresentação e classificação diferenciada, de maneira a auxiliar os gerentes das entidades em seu processo decisório. (LUDÍCIBUS, 2009, p. 21).

Dessa forma, pode-se asseverar que a contabilidade gerencial está diretamente vinculada ao planejamento e controle de uma empresa, seja o empreendimento de pequeno, médio ou grande porte, pois, ambos são instrumentos de administração que auxiliam positivamente aos gestores. Partindo dessa afirmação, Padoveze (2010, p. 40), diz que “se temos a contabilidade, se temos a informação contábil, mas não a usamos no processo administrativo, no processo gerencial, então não existe gerenciamento contábil, não existe Contabilidade Gerencial”.

Sendo assim, as concepções apontadas e sugeridas nos estudos da Contabilidade Gerencial não deixar de ser utilizadas pelos gestores de uma organização, afinal, como aponta Marion (2011, p.16) “a contabilidade é importante no processo de tomada de decisão porque coleta todos os dados econômicos, mensurando-os monetariamente, registrando-os e sumarizando-os em forma de relatórios ou de comunicados”.

Diante das considerações expostas e do atual contexto que engloba o cenário empresarial tão competitivo na atualidade, em que se encontram as organizações, observa-se que é fundamental a adoção de técnicas de gestão inovadoras e especializadas.

No tópico seguinte são tratadas as questões inerentes ao campo da Contabilidade Gerencial, porém especificamente da importância da avaliação de desempenho e como esta prática de mensuração pode fortalecer positivamente um empreendimento.

2.2 Avaliação de Desempenho

O mundo se tornou um ambiente de mudanças rápidas, que são impostas pela competitividade global, que tem exigido cada vez mais aprimoramento das empresas, no sentido de se adaptarem com a mesma agilidade ao dinamismo do mercado de negócios. Na visão de Montgomery e Porter (1998) a competitividade é entendida como uma espécie de habilidade ou de talento, resultante dos conhecimentos que são adquiridos, por meio dos quais os indivíduos se tornam capazes de criar e de sustentar um desempenho maior que o desenvolvido por seus concorrentes.

Partindo desse sentido, observa-se que desde a década de 90 estudiosos dedicam suas pesquisas voltadas para a temática da avaliação e da mensuração do desempenho organizacional, conforme são citados autores de décadas diferentes no decorrer do desenvolvimento do referido estudo.

Essa busca progressiva pelo conhecimento em torno dos mecanismos e das ferramentas de avaliação de desempenho pode ser observado devido a pluralidade de métodos atualmente que são desenvolvidos na atual década. Assim, um dos grandes desafios da gestão empresarial da contemporaneidade é o de considerar a avaliação de desempenho organizacional, uma vez que, além de ser uma ferramenta gerencial, tornou-se uma medida de sobrevivência, ou seja, essa foi a estratégia encontrada e que tem garantido a permanência de muitas empresas no mercado.

O presente estudo, demonstram que a avaliação do desempenho de uma organização é um elemento imprescindível para o desenvolvimento das organizações, seja de âmbito privado ou público. Trata-se de uma ferramenta que avalia o comportamento ético de qualquer empreendimento, principalmente nas organizações públicas que necessitam comprovar resultados a toda sociedade, aos investidores, acionistas e ao governo competente.

Assim sendo, Neely, Gregory e Platts (2005) corroboram com esse estudo afirmando que avaliar o desempenho da organização significa estar desempenhando o processo de quantificação das ações, por meio da qual a mensuração é equacionada para quantificar, e a ação é considerada como o desempenho.

Portanto, verifica-se que a avaliação de desempenho é uma ferramenta gerencial muito importante, afinal, é através do comprometimento e da eficácia do capital humano da organização é que as organizações conseguem atingir os seus objetivos estratégicos, chegando ao auge do sucesso empresarial. A partir da elaboração do planejamento estratégico que a organização passa a definir o seu negócio, a missão e a visão da empresa, ou seja, o que representa no mercado e quais caminhos serão traçados para manter um padrão de excelência no mercado de atuação.

Tais medidas fazem parte do planejamento prévio de todas as estratégias que serão necessárias para execução das atividades operacionais. No entanto, para saber se a organização está atingindo as metas instituídas e já determinadas a partir do planejamento estratégico é necessário medir os resultados alcançados, com base na análise dos mesmos. Sendo assim, Ensslin *et al* (2001, p. 12), conceitua avaliação de desempenho como “o processo para identificar, organizar, mensurar, integrar e permitir a geração de ações de aperfeiçoamento das organizações”.

Pautados na referida concepção acima descrita, fica claro que toda organização deve adotar o elemento operacional aferir os resultados alcançados, dando início ao que estamos caracterizando como avaliação de desempenho, cumprindo assim o objetivo de ser

competitiva e de estar inserida dentro das empresas que se destacam em qualidade no seu ramo de atuação, buscando sempre a excelência da gestão, dos produtos e dos seus serviços oferecidos.

Paralelamente, Sink (1993) afirma que não se pode gerenciar uma organização, que por ventura não possa ser mensurada. Essa afirmação apontada pelo autor torna claro o entendimento de que a empresa deve ter seus objetivos e metas visivelmente definidos, pois caso não ocorra a organização poderá não saber onde está, aonde deseja chegar e se está na direção correta, perdendo assim, sua referência.

Dessa forma, observa-se que a preocupação com os processos de avaliação de desempenho surgem pautados em um contexto histórico. Dutra (2005) considera que esses processos têm passado por expressivas mudanças, que visam o adequação e o alinhamento aos novos modelos de organização e de gestão que melhoram a dinâmica de funcionamento do mundo organizacional.

O dinamismo é elemento que faz parte do ambiente, torna-o instável e imprevisível, exigindo a utilização de instrumentos criativos, pautado em uma visão sistêmica para enfrentá-los. De acordo com Ensslin et al (2008) e Petri (2005), em resposta a necessidade de novas formas de gestão sob o enfoque da avaliação de desempenho, centrado em ajustar os recursos disponíveis para o alcance dos objetivos estratégicos, surgem diversas propostas de estruturas de avaliação de desempenho e modelos alternativos que em décadas passadas já foram utilizados, o que só confirma a constatação descrita acima, que discorre acerca dos instrumentos de avaliação e de mensuração de desempenho de um empreendimento, tais como estão descritos na tabela abaixo.

Tabela 01 - Modelos alternativos de avaliação de desempenho

Modelo Ano Fundação para o Prêmio Nacional da Qualidade – PNQ	1990
Metodologia Multicritério em Apoio à Decisão – MCD	1990
Balanced Scorecard – BSC	1992
Planejamento e Medição de Performance	1993
Métricas de Desempenho	1996
Performance Measurement Process – Nevada Family Quality Forum	1997
Metodologia Multicritério em Apoio à Decisão Construtivista – MCDA-C	2000

Fonte: Adaptado de Ensslin et al (2008) e Petri (2005)

A opção pelo modelo ou ferramenta gerencial que serão utilizados, bem como sua operacionalização, segundo afirma Ensslin et al (2008) deve considerar suas proporções e as

influências que serão geradas no futuro, no que tange ao alinhamento dos resultados com os objetivos e valores das organizações, além do grau de adaptação e de comprometimento das pessoas envolvidas.

Para Sink e Tuttle (1993), a avaliação consiste no processo pelo qual se toma a decisão de medir e fazer a coleta, acompanhamento e posterior análise dos dados. O objetivo principal é buscar implementar melhorias a performance da organização. Medir significa melhorar o desempenho organizacional, que implica em ações de respostas para a equipe gerencial, o que é considerado de suma importância, pois a empresa estará se mantendo informada e atualizada quanto a sua performance, o que possibilita a todos uma reflexão sobre como e onde é possível aprimorar.

Surgem dessa maneira, uma variedade de aplicações quando da utilização da medição do desempenho organizacional. Sink e Tuttle (1993) exemplificam essas aplicações como as previsões, análise de variações, estimativa de custos, planejamento, preparação de propostas, ramos, gerenciamento de projetos, sistemas de distribuição de lucros e incentivos, análise e controles orçamentários, decisões sobre investimentos de capital e análise da relação custo/benefício.

Verificou-se ainda na literatura, que além da abundância de abordagens para avaliar o desempenho da organização, surgem novos conceitos para definir esse termo.

Para efeito deste artigo o conceito de avaliação de desempenho se restringe a contextos organizacionais, ou seja, de pessoas envolvidas no alcance de objetivos usualmente mal ou não estabelecidos, conforme corrobora Ensslin et al (2008).

Conforme já mencionado anteriormente, a temática envolvendo a avaliação do desempenho organizacional, não é uma preocupação e que está sendo debatida com maior frequência na década atual, pois a partir da Revolução Industrial até a segunda metade do século XX, essa ação estratégica das empresas tinha sua atenção voltada para os critérios financeiros e econômicos, baseados em modelos quantitativos e normativistas, com a finalidade de maximizar os lucros num curto prazo. O ambiente organizacional, nesse período, era baseado na confiança, previsibilidade e estabilidade, o que justificava a adoção de tais modelos.

Segundo Dutra (2005) em meados de 1970, as mudanças fundamentais no ambiente organizacional tinham seu foco voltado para o processo de globalização; aumento da competitividade; concorrência em escala global; rápido desenvolvimento tecnológico;

processos integrados com fornecedores e clientes; segmentação e foco nos clientes; e no conhecimento como elemento de produção.

Essas medidas gerenciais se assemelham a Controladoria, que, de acordo com Nascimento e Reginato (2006), tem como funções: promover a integração entre as áreas, por meio do auxílio de informações e ao utilizar os sistemas de informação, considera os princípios dos modelos de decisão, medição e informação da empresa, bem como busca subsidiar os gestores com informações que possam conduzir ao caminhos das melhores escolhas entre as alternativas presumíveis.

Colaborando com o aporte teórico do referido estudo, Padoveze (2005) afirma que, basicamente, a Controladoria é a principal ferramenta responsável pelo efetivo funcionamento do sistema de informação contábil e gerencial de uma empresa, pois sua missão é assegurar o resultado da companhia. É com base nesse contexto que se consegue visualizar as informações úteis, que são indispensáveis para a avaliação dos processos em direção aos objetivos e metas da organização, e que a Controladoria pode fazer uso da avaliação de desempenho organizacional como ferramenta de assistência no momento da tomada de decisão.

Ancorados nos apontamentos descritos por Macedo e Silva (2004) esses autores ressaltam que os métodos de avaliação de desempenho que levam em consideração os aspectos financeiros, bem como os não-financeiros assumem uma importância específica, afinal, o desempenho acaba sendo afetado por variáveis dessas duas naturezas.

O processo de tomada de decisão dentro do âmbito empresarial consiste na escolha de uma opção dentre cursos alternativos que melhor atenda a seus interesses e objetivos. A identificação e ponderação dos principais aspectos relacionados a um determinado contexto têm importante papel no processo decisório, agindo como referência coletora de dados relevantes sobre diversos aspectos dos quais as informações sobre custos, despesas, mercado e tecnologias se tornam bastante relevantes.

A discussão desencadeada no referido tópico, leva a compreensão de que definir o que deve ser medido e avaliado nas diferentes atividades realizadas por uma empresa não se trata uma tarefa simples ou que será possível em curto prazo. Porém, a determinação de quais medidas devem ser utilizadas depende da complexidade do processo que se busca medir, da importância que esse contexto representa para o alcance das metas estabelecidas pela empresa, e ainda da expectativa de uso gerencial posterior dos dados coletados.

Portanto, verifica-se que as avaliações de desempenho devem ser empregadas com um foco posterior na ponderação que tem como finalidade principal, entre outras coisas, integrar as diferentes áreas de atuação da empresa. Dados relativos a uma determinada área podem ser de grande valia para outras. É importante também destacar que todos os dados mensurados são eficazes aos gestores.

2.3 A Importância e a Função dos Indicadores Gerenciais

Na visão de Martins e Neto (1998), a qualidade, enquanto conceito tem evoluído da adequação ao padrão para a adequação às necessidades latentes dos consumidores e até mesmo dos usuários dos serviços que são oferecidos, afinal, a gestão da qualidade é medida tanto no âmbito público, quanto no privado.

Partindo desse pressuposto, Maximiano (2000) torna claro o debate proposto, quando menciona, que,

As organizações transformam recursos para fornecer produtos e serviços, com o objetivo de resolver problemas de seus usuários e das pessoas que as criaram. Quando as organizações resolvem problemas e são eficientes no uso de recursos, todos ficam satisfeitos: clientes, usuários e funcionários. (MAXIMIANO, 2000, p. 05).

Observa-se que naturalmente a qualidade, e seus modelos de gestão desenvolvidos por líderes de organizações, consistem em elemento importante, que acompanhou a evolução histórica dos setores de comércio no Brasil. Ou seja, na atual década é um elemento da gestão bastante cobrado e em constante processo de mutação nas organizações de pequeno, médio e de grande porte, afinal, dentro desse processo evolutivo, a qualidade passou a envolver todos os setores de uma organização/empresa, deixando de ser uma preocupação apenas do chão da fábrica.

Dutra (2003) aponta que avaliar o desempenho organizacional consiste em atribuir valor aos elementos que a organização considera importante diante de seus objetivos estratégicos. Sendo assim, a qualidade total das organizações é de fato um elemento que norteia os caminhos que a empresa busca alcançar, ou seja, é um conectivo dos planos da empresa, pois demonstra a missão e a visão, portanto, são ações que também devem ser medidas, pois qualidade está relacionada ao bom desempenho da empresa, diante da prática de negócios executável.

Em consonância com essa abordagem, Ambrozewicz (2015, p. 02) aponta que a preocupação com os padrões e métodos de qualidade existe desde a origem da humanidade. Para este autor, “muito antes de existir o conceito de qualidade, o homem já se preocupava em criar procedimentos para normatizar processos produtivos”.

A esse respeito, Martins e Neto (1998) afirmam que apesar de haver considerável reconhecimento da importância da gestão da qualidade, inúmeras são as organizações que ainda utilizam avaliação de desempenho sem observar essas mudanças decorrentes da adoção de tal modelo de gestão.

[...] muitas empresas começaram a implementar conceitos e técnicas de melhoria da qualidade. Contudo a implementação da maioria delas está mal interpretada porque elas (as empresas) não resolveram a questão das medidas e recompensas do desempenho. (MARTINS e NETO, 1998, p. 299).

Segundo Nascimento, Dutra e Ensslin (2009), várias pesquisas realizadas tiveram seus objetivos voltados para a temática da avaliação de desempenho, sobretudo aos indicadores gerenciais de desempenho. Portanto, Coelho *et al.* (2008), corrobora com este estudo, afirmando que pesquisas científicas nessa área estão se tornando cada vez mais comuns, pois além de serem uma ferramenta gerencial, os indicadores de desempenho passaram a constituir uma espécie de medida de estratégica, como forma de garantir a sobrevivência das organizações.

A esse respeito, Petri (2005, p. 39) assegura que as empresas necessitam utilizar esses processos gerenciais, pois estes auxiliam positivamente na avaliação de seu desempenho. Por essa razão, este mesmo autor considera que os gestores devem “buscar formas de medir e de avaliar a eficiência, a eficácia, a efetividade, a qualidade, a produtividade, a inovação, a lucratividade, entre outras características”.

Em consonância com as abordagens teóricas ponderadas, Sandroni (2005, p. 284) considera que a eficiência refere-se ao “resultado do trabalho de um funcionário, isto é, se este ou o seu produto é adequado a um fim proposto. Portanto, o que é considerado ideal é que uma tarefa ou produto seja eficaz (adequado) e que a mesma seja realizada com eficiência”.

Tocchetto e Pereira (2004, p. 01) consideram que os indicadores gerenciais de desempenho “são medidas utilizadas para avaliar, mostrar a situação e as tendências das condições de um dado ambiente”. Observa-se que todas essas concepções estão em total sintonia e coerência, ou seja, são fundamentações descritas por autores diversos, e que permitem uma significação comum a respeito da pertinência quando da utilização desses indicadores gerenciais por parte dos membros de uma organização, afinal, estes indicadores se

configuram como instrumentos capazes de fornecer informações de suma importância na avaliação do desempenho organizacional.

Dessa forma, Van Bellen (2002) traz em seus estudos apontamentos acerca dos objetivos dos indicadores, afirmando que,

É o de agregar e quantificar informações de uma maneira que sua significância fique mais aparente. Os indicadores simplificam as informações sobre fenômenos complexos tentando melhorar com isso o processo de comunicação. (VAN BELLEN, 2002, p. 05).

Esses objetivos descritos pelo autor citado, indicam que os indicadores gerenciais são um instrumento de fundamental valia para a gestão das organizações e empresas, pois são uma alternativa inovadora frente as medias necessárias para saber gerenciar os aspectos de competitividade dinâmica, no qual as empresas estão inseridas.

Machado, Holanda e Machado (2007) também apontam os objetivos principais desses indicadores de mensuração de desempenho, afirmando que são,

[...] instrumentos da gestão, capazes de proporcionar um gerenciamento eficaz da organização, e este é dependente de uma série de variáveis, como bases informativas, variáveis consideradas, critérios, conceitos e princípios adotados. (MACHADO, HOLANDA e MACHADO, 2007, p. 41).

Partindo dessas concepções apresentadas, fica claro que essas medidas avaliativas são influenciadas principalmente pelos objetivos e pelas metas que são instituídas pela organização, que estarão diretamente refletindo no exercício efetivo de controle e planejamento das atividades que a empresa executa.

Partindo desse mesmo sentido de debate, Dutra (2003) discute que, sem a implementação das medidas de desempenho, os gestores de uma organização não possuem embasamentos sólidos na busca de:

- ✓ Comunicar a seus colaboradores as expectativas de desempenho esperadas pela organização;
- ✓ Saber o que está acontecendo em cada área de atuação da organização;
- ✓ Identificar os aspectos deficientes e/ou eficientes no desempenho da organização, gerando oportunidade de eliminação ou revisão deles;
- ✓ Fornecer feedback aos colaboradores que demonstrarem um desempenho aquém do planejado pela organização;
- ✓ Identificar os aspectos que apresentam melhor desempenho;
- ✓ Tomar decisões baseadas em informações sólidas, transparentes que possam ser justificadas. (DUTRA, 2003, p. 86).

Com base nas características citadas pelo autor mencionado, observa-se que tais medidas asseveram o processo de tomadas de decisões, porém para que aconteça de fato, é necessário um número ainda maior de variáveis, o que exige grande preocupação dos gestores em relação aos indicadores, por meio dos quais será possível avaliar a satisfação dos clientes, os aspectos de qualidade dos produtos, a participação no mercado, as ferramentas de inovação que estão sendo utilizadas, as estratégias adotadas e as habilidades necessárias para a execução de cada um desses elementos.

2.4 Microempreendedor no Brasil

Considerando o crescente avanço contínuo e desacelerado do trabalho informal existentes nas regiões metropolitanas e também nas cidades de interior, observou-se a ocorrência do aumento no número de pessoas que passaram a buscar no setor informal uma alternativa de sobrevivência, por meio de atividades diversas, tais como: motoqueiros, vendedores ambulantes, pipoqueiros, entre outros.

A inserção na atividade econômica como microempresários ou atividades comerciais por conta própria tem sido um dos principais meios dos cidadãos trabalhadores adquirirem maneiras de adquirir sustento, diante dos números de desemprego no Brasil. Essas atividades são responsáveis por grande parte dos postos de trabalho gerados inicialmente na década de 1990 e já aspiram mais de um terço dos trabalhadores com ocupação no Brasil. (FONTES, 2003).

A partir da literatura que versa acerca da temática em questão, é possível compreender que um dos grandes desafios dos países que estão em processo de desenvolvimento é a consolidação de instituições, e conseguir criar as condições necessárias para garantir o aumento da produtividade e também à formalização desses negócios, de forma que exista a possibilidade necessária para que seja impresso um modelo de desenvolvimento com maior acesso aos mercados variados.

Entende-se por mercados variados elementos, que podem significar desde a moradia, a infraestrutura, a comunicação bem como, demais serviços de utilidade pública, passando pelas relações formais das empresas com trabalhadores, fornecedores e clientes.

Sabe-se que por longos anos tramitou no Congresso Nacional o projeto de lei que tratava da pré - empresa. A iniciativa tinha como objetivo atender uma necessidade de regularização diante da situação das pessoas que exerciam alguma atividade econômica de

pequeno porte, ainda que não tivessem acesso uma estrutura ou organização empresarial. Somente no ano de 2002 o Código Civil, fez referência ao termo pequeno empresário que, apesar de não apontar uma definição precisa, pretendeu aferir proteção jurídica a estas mesmas pessoas que se encontravam, na sua imensa maioria, atuando na informalidade com poucos recursos de regularização no mercado de trabalho.

Paralelamente às alterações promovidas pela Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008, o pequeno empresário passou a ser deliberado como Microempreendedor Individual – MEI, e teve assim um tratamento diferenciado, defendido e sem maiores burocracias. De modo geral, atendiam aos requisitos para ser considerado como MEI, os empresários individuais com receita bruta anual de até 60 mil reais.

Apesar da importância dessas atividades na economia, que pode ser vista pela capacidade de geração de trabalho e renda, explorados tanto pela literatura nacional, conforme pode ser observado nos estudos de Fontes (2003) e Azevedo (2006), ainda é pequeno o quantitativo de estudos que analisam os microdeterminantes do desempenho relativo aos rendimentos do trabalho por conta própria e dos pequenos empregadores.

A legislação que vigorou em de 1º de julho de 2009, além dos diversos benefícios, constituiu motivadas especificações aos pequenos empresários, e atribuiu determinadas obrigações a serem cumpridas pelas organizações contábeis, optante pelo Simples Nacional, em favor do Micro Empreendedor Individual.

É impossível tratar da questão envolvendo o Micro Empreendedor Individual, e não mencionar as inúmeras contribuições do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, como incentivador do empreendedorismo, que sempre buscou revelar a importância da formalização dessa categoria de trabalhadores para a economia brasileira, mostrando através de palestras, reuniões, cursos de capacitação, do trabalho desenvolvido pelos Agentes de Desenvolvimento Regional, através de propagandas na Tv e na Internet, aos milhões de micro e pequenos empresários deste país as vantagens de se ter um negócio formal, distinguindo os caminhos e medidas, com o objetivo de facilitar o acesso aos serviços financeiros, à tecnologia e ao mercado, sempre com foco na competitividade empresarial.

2.4.1 Feiras livres

As feiras livres, historicamente representam uma das atividades comerciais populares mais antigas de produtos agrícolas. Constam registros de que os povos sumérios já faziam uso

dessa prática comercial em 3.000 a.C., realizando trocas e barganhas em um determinado local da cidade, em um dia da semana.

Segundo apontam Godoy e Anjos (2007b), essa prática ainda é muito comum nos dias atuais, mesmo que com o passar dos anos as feiras livres tiveram seu espaço reduzido, em decorrência do crescimento de outras formas de comercialização que surgiram a partir das transformações que ocorreram na sociedade, como é o caso dos supermercados. No entanto, observa-se que, ainda hoje, esta forma de comercialização ainda representa um papel fundamental na consolidação econômica e social da agricultura familiar, sob a perspectiva do feirante, e socioeconômico e cultural, através dos consumidores.

Ditas essas peculiaridades que consolidam as feiras livres como um legítimo ambiente de comercialização singular, que atrai milhares de consumidores até os dias de hoje. A oferta de produtos diferenciados, em sua maioria produzidos de maneira quase artesanal e em pequena escala, bem como as relações de amizade e confiança que são formadas entre vendedores e compradores ao longo do tradicional ato de fazer a feira, garantem a existência desse tipo de comércio nos grandes e pequenos centros urbanos.

A esse respeito, Vedana (2004) considera as feiras como ferramentas importantes para a estrutura social do meio urbano, uma vez que estes constituem uma dinâmica peculiar de ocupação e espaço. A autora acrescenta ainda que o surgimento das cidades está intrinsecamente ligado às feiras, que representavam “o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial”. (VEDANA, 2004, p. 11).

Coêlho e Pinheiro (2009) afirmam que a palavra feira deriva do latim “feria”, que tem significado de dia de festa, como referência para indicar o local escolhido para efetivação das transações mercadológicas com dias fixos e horários determinados. Trata-se de um formato tradicional de varejo, que não possui instalações físicas e, por essa razão, funcionam em instalações muitas vezes provisórias montadas nas vias públicas, que são localizadas em pontos estratégicos da cidade.

Dessa forma, Sato (2007, p. 99) discorre que a feira livre deve ser entendida como “um contínuo organizar, baseado em acordos e negociações, em cooperação e competição e na execução de regras tácitas”. Uma característica simbólica a ser acrescentada é a condição lúdica que é intrínseca às feiras, que permite uma compreensão que vai muito além de um espaço de comercialização, ou seja, as feiras constituem-se também como ambientes de encontros, conversas, articulações e diversão.

Paralelamente, Ribeiro et al. (2005, p. 06) acrescenta ao debate acima descrito, que “os consumidores dizem que nenhum estabelecimento de verdureiro profissional, ou sacolão, substitui a feira, porque é nela que encontram os produtos que fazem parte de seus costumes alimentares”.

Todo esse conjunto de propriedades e singularidades faz da feira livre um canal que garante aos produtores rurais a comercialização da sua produção, que de outra forma seria difícil nesse tipo de economia de pouca liquidez, e gera benefícios aos consumidores, com a garantia de abastecimento regular, de qualidade e, em especial, adaptado aos seus hábitos alimentares.

A proximidade geográfica possibilita o estabelecimento de acordos entre vizinhos de banca. Entre si constroem regras de convivência específica, em geral válidas apenas para os feirantes que as definem, sendo impraticável qualquer tentativa de generalização. Elas englobam desde a definição de horários de montagem e desmontagem das bancas até a faixa de preços praticados. (SATO, 2007, p. 99).

Diante do exposto, entende-se que além dessas características inerentes, os ganhos são também para os comerciantes locais, que a partir da aquisição de bens de consumo por parte dos feirantes, que utilizam a renda oriunda das vendas, o que favorece a continuação do dinheiro no contexto municipal.

Sendo assim, considerando-se os fatores descritos, deve-se entender que a feira livre, acima de tudo, é um negócio rentável, de alcance social, que, como tal, necessita da aplicação de princípios administrativos, como forma de garantir a sobrevivência dos feirantes, como empreendedores, nesse mercado cada vez mais competitivo em que estão inseridos.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Classificação Quanto à Forma de Abordagem do Problema

Conhecer o tipo de pesquisa que se deseja realizar um estudo, é considerado de suma importância para que o pesquisador saiba nortear com coerência cada etapa desenvolvida na elaboração de um estudo científico. Nesta questão, a abordagem escolhida foi uma análise qualitativa dos dados coletados que culminaram com a elaboração deste estudo.

A pesquisa qualitativa tem seu foco nos aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se, pois na compreensão e na explicação das dinâmicas das relações sociais. A esse respeito, Minayo (2001), esclarece que a pesquisa qualitativa explora o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

“A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador”. (MINAYO, 2001, p. 14).

3.2 Classificação Quanto aos Objetivos

Com relação as abordagens relacionadas a problemática debatida no presente estudo, este pode ser classificado como sendo de natureza bibliográfica e descritiva.

Gil (2007), por sua vez, ressalta que os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa tratam das investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à analisar as diversas posições que abordam um problema.

Paralelamente, Fonseca (2002) aponta os conceitos relacionados a pesquisa bibliográfica, quando afirma que,

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios

sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

Outra contribuição de Gil (2007) é a respeito das características da pesquisa descritiva, pois, conforme os apontamentos descritos pelo autor, esse tipo de estudo científico exige do investigador uma série de informações sobre o que se busca pesquisar, de forma que esse tipo de pesquisa expõe os fatos e fenômenos de determinada realidade, bem como descreve, analisa e interpreta os dados coletados sem alterá-los.

3.3 Classificação Quanto aos Procedimentos Técnicos

Quanto aos procedimentos técnicos de pesquisa, o referido estudo apresenta particularidades de pesquisa de estudo de caso, que pode ser caracterizado como o estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Em se tratando de modo específico, com base nas informações utilizadas que culminaram com a elaboração dessa pesquisa, este tipo de estudo se relaciona com a metodologia empregada, pois conforme aponta Fonseca (2002) um estudo de caso,

Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador. (FONSECA, 2002, p. 33).

Para identificar o comportamento competente, o pesquisador poderá optar também pela observação do campo de estudo analisado. Esta abordagem metodológica se constitui em uma análise detalhada do objeto estudado, ou seja, das competências relevantes ao trabalho das pessoas.

3.4 Métodos de Abordagem

A esse respeito, Viegas (1999) e Mattar (1996), afirmam que a observação pode ser do tipo “participante”, quando o investigador atua como se fosse um integrante da equipe de trabalho. Sendo assim, é importante frisar que a observação participante foi o método de

investigação utilizado, pois a partir dessa opção é possível ter maior clareza das informações inerentes ao objeto pesquisado.

Vale ressaltar, que independentemente do tipo de observação realizada, é de suma importância, para o bom desenvolvimento do processo de coleta de dados, que seja mantido um relacionamento harmonioso, pautado na coerência e confiança entre o investigador e os participantes pesquisados da equipe de trabalho. Assim sendo, fica claro que por meio da observação, torna-se possível identificar as competências que os indivíduos e grupos expressam no trabalho e o grau de importância que é atribuído a cada pessoa ao exercer uma atividade.

Em consonância com as abordagens de aspecto metodológico, Carbone e colaboradores (2005) ressaltam que uma das vantagens da observação, no mapeamento de competências, refere-se às inúmeras possibilidades de verificação dos detalhes envolvendo o desempenho de pessoas e grupos, por meio da identificação de dados que poderiam por alguma razão serem omitidos pelos pesquisados, caso a coleta ocorresse somente por meio de entrevistas ou da aplicação de questionários.

3.5 Universo e Amostra da Pesquisa

A pesquisa foi aplicada com 40 feirantes da cidade de Sumé – PB. Por essa razão, observou-se a importância de aplicar questionários com os feirantes participantes da pesquisa, além dos métodos de observação não participante e das anotações no diário de campo, afinal, este instrumento de coleta de dados facilita a análise dos dados, garante o anonimato dos sujeitos participantes, além da praticidade para coletar dados que possam responder aos objetivos propostos.

Dessa forma, Moreira e Caleffe (2008, p. 96) esclarecem as facilidades do uso do questionário como fonte de coleta de dados, pois este instrumento oferece aos interessados determinadas prerrogativas que podem tornar mais prática a exploração dos dados que serão coletados. “ 1º) Uso eficiente do tempo; 2º) anonimato do respondente; 3º) perguntas padronizadas; 4º) possibilidade de uma alta taxa de retorno”.

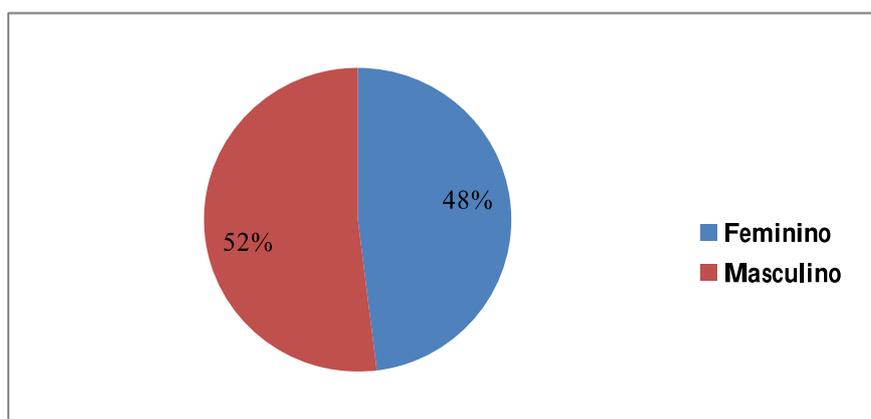
Sendo assim, verificou-se que o questionário, por sua vez, é talvez a técnica mais utilizada para mapear dados relevantes para um contexto de uma pesquisa científica. A formatação desse instrumento de pesquisa geralmente requer a aplicação prévia de uma ou mais das técnicas já relatadas (observação e anotações de diário de campo), cumprindo com a

finalidade de identificar elementos para compor os itens do questionário, a exemplo do trabalho realizado com os microempreendedores da feira livre de Sumé – PB.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme já mencionado anteriormente, o objeto de investigação do presente estudo buscou analisar como se dá a utilização dos indicadores gerenciais por parte dos microempreendedores que trabalham na feira livre de Sumé – PB, que aceitaram participar de forma livre e voluntária da presente pesquisa, que contou com a efetiva participação de 48% dos feirantes do gênero feminino e outros 52% são do gênero masculino, conforme consta no gráfico 01 abaixo.

Gráfico 1 - Gênero dos Participantes



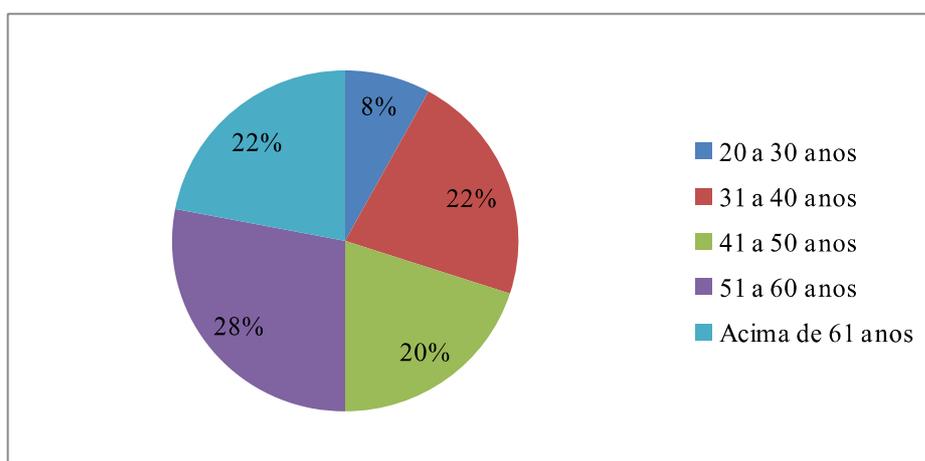
Dados da Pesquisa.

Os dados revelam que o número de homens e mulheres trabalhando como microempreendedores na feira do município supracitado aponta pequenas diferenças de gênero.

Segundo Teixeira (2005), nos últimos cinquenta anos houve um contínuo crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, fato este que é explicado por uma combinação de fatores de ordem econômica e cultural. Primeiro houve o avanço da industrialização, o que provocou transformações na estrutura produtiva, na continuidade do processo de urbanização e considerável queda das taxas de fecundidade, proporcionando assim, um aumento das possibilidades das mulheres encontrarem postos de trabalho na sociedade.

A faixa etária dos participantes apresenta uma considerável variação, ou seja, observa-se que pessoas de gerações diferentes atuam no ramo de feiras livres. (ver Gráfico 2).

Gráfico 2 - Faixa Etária dos Microempreendedores da feira livre

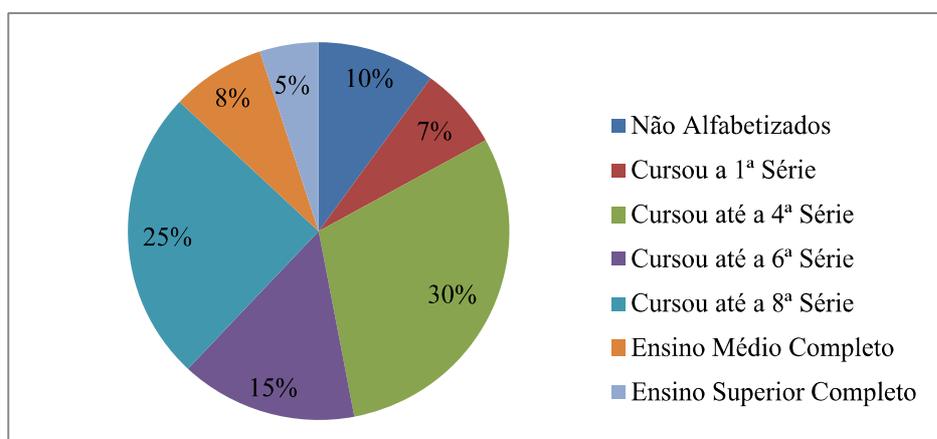


Dados da Pesquisa.

Constatou-se que 8% dos participantes tem idade que varia dos 20 aos 30 anos; 22% de 31 a 40 anos; 20% dos 41 aos 50 anos; 28% a idade está na variação dos 51 até os 60 anos, e 22% tem acima de 61 anos, conforme dados descritos no gráfico citado.

O grau de escolaridade dos participantes é um dos elementos observado no que se refere à apresentação do perfil de cada feirante. (ver Gráfico 3).

Gráfico 3 - Nível de Escolaridade dos Feirantes Participantes

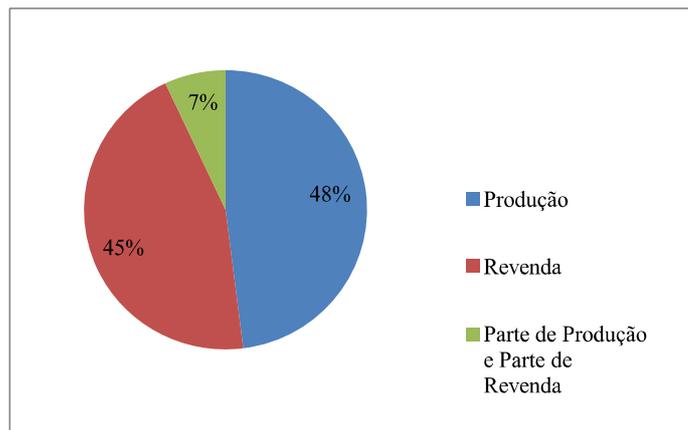


Dados da Pesquisa.

Segundo os dados coletados 10% não são alfabetizados; 7% estudaram até a 1ª série; 30% até a 4ª série, outros 15% disseram ter estudado até a 6ª série; 25% estudaram até a 8ª série; 8% concluíram o Ensino Médio e 5% concluiu o Ensino Superior. (Ver gráfico 03).

Os feirantes foram questionados acerca da prática comercial, se é constituída por meio de produtos de revenda ou que os próprios feirantes cultivam. (ver Gráfico 4).

Gráfico 4 - Prática Comercial – Produção ou revenda?



Dados da Pesquisa.

Observou-se que 48% comercializam os produtos cultivados pela própria família; 45% trabalham com produtos adquiridos de terceiros para revender; 7% afirmam que parte do produto é de revenda e outra parte de produção.

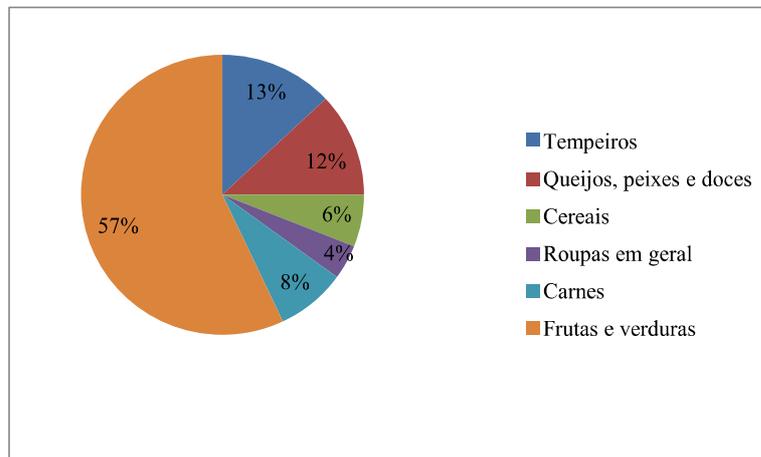
A esse respeito, Schneider (2003) afirma que as discussões em torno da agricultura familiar vêm ganhando legitimidade social, política e acadêmica no Brasil, passando a ser utilizada com mais frequência nos discursos envolvendo os movimentos sociais rurais, pelos órgãos governamentais e por segmentos do contexto acadêmico, especialmente pelos estudiosos das áreas sociais, que se ocupam da agricultura e do mundo rural.

Paralelamente, Singer (1976, p. 48) traz apontamentos que embasam a presente discussão, quando afirma que “a mecanização da agricultura está historicamente ligada à redução da força de trabalho empregada na agricultura. Ela se desenvolveu em primeiro lugar nos Estados Unidos e estava ligada à redução da mão de obra agrícola naquele país”.

Esse autores corroboram com o presente estudo, mostrando a importância de serem realizados investimentos na agricultura familiar, como forma de valorizar a prática sustentável de geração de trabalho e renda, bem como garantir a permanência dessas famílias no meio rural.

Em consonância com as informações supracitadas, os feirantes apontaram os principais produtos que são comercializados na feira livre de Sumé. (ver Gráfico 5).

Gráfico 5 - A variedade dos produtos que são comercializados pelos feirantes



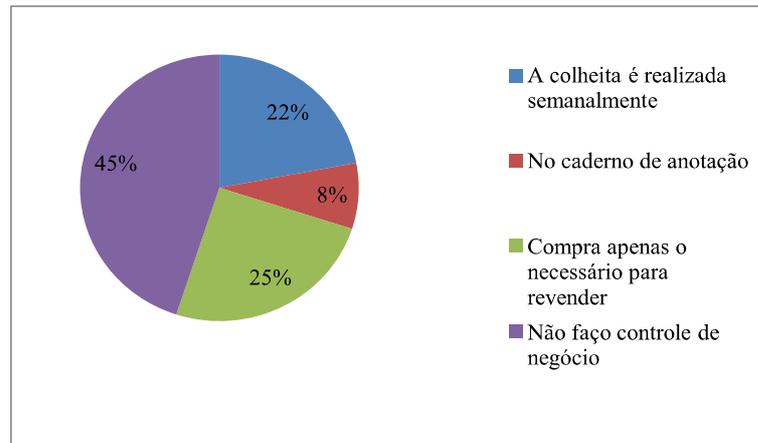
Dados da Pesquisa.

Dos empreendedores que participaram efetivamente da pesquisa, 13% das respostas apresentadas aponta que o produto vendido é temperos em geral; 12% comercializam queijos, peixes e doces; 6% negociam com a venda de cereais; 4% roupas em geral; 8% com carnes e 57%, o que representa a maior porcentagem, trabalham com a venda de frutas e verduras.

Na visão de Ribeiro (2007) é uma prática comum dos feirantes amanhecerem na cidade transportando os produtos para vender, comprar, barganhar, trocar e participar do grande acontecimento da sociedade que é a feira livre. Para este autor, as feiras tem a particularidade de serem sonoras, e são diluídas na paisagem local, realizam um movimento considerado pequeno por parte de alguns estudiosos ou autoridades locais, e como atendem uma parcela ainda restrita e geram um movimento que dilui na economia de modo formal e informal, raramente tais práticas comerciais são incluídas em programas de geração de renda e de desenvolvimento.

Porém, observou-se que as feiras livres têm uma parcela importante no que se refere ao movimento econômico que promovem, visto que as feiras geram ocupação de renda e identidade regional, devido à alta rotatividade de pessoas e a diversidade de produtos disponíveis aos consumidores.

No Gráfico 06 são descritos os dados acerca da efetivação de controle dos negócios. (ver Gráfico 6).

Gráfico 6 - Como os feirantes realizam controle dos negócios**Dados da Pesquisa.**

A partir da descrição dos dados supracitados, fica claro que 22% dos feirantes afirmaram que a colheita é realizada semanalmente; 8% controlam por meio de anotações no caderno; 25% apontou que compra somente o que é necessário para revender e 45% afirmaram que não realizam controle dos negócios.

Segundo os apontamentos descritos por Dolabela (2007, p. 68), o empreendedor é um indivíduo que define por si mesmo o que vai fazer e em qual contexto será feito. Ao ter definida as suas ações, ele passa a considerar seus sonhos, desejos, preferências, o estilo de vida que deseja obter.

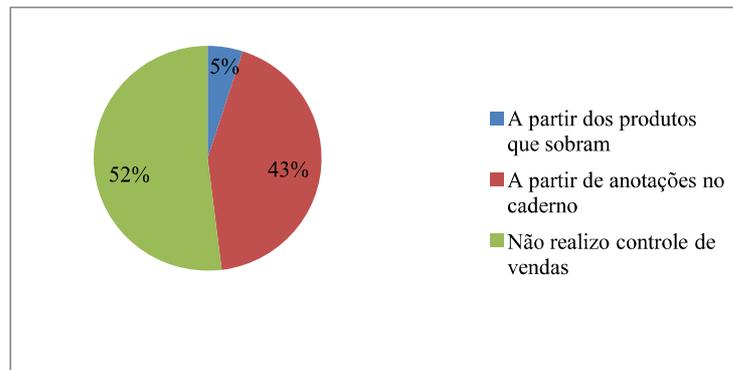
No entanto, acredita-se que o planejamento de todas as ações, bem como, mensurar os custos e as receitas seja uma atividade indispensável para um empreendedor/empresário, afinal, é preciso ter conhecimento dos lucros e das despesas do empreendimento.

Por essa razão, observa-se que é preocupante o número de feirantes que afirma não realizar atividades de controle do seu negócio, afinal, todo empreendedor que atua com o planejamento correto de viabilidade do negócio tem maiores chances de alcançar sucesso no mercado, a partir da redução das possibilidades de desperdícios financeiros, de esforços humanos em um empreendimento que seja irrealizável do ponto de vista mercadológico.

Em consonância com a questão supracitada, os feirantes foram indagados no que se refere ao controle das vendas, pois o plano de vendas se caracteriza como o alicerce do planejamento periódico numa empresa, tendo em vista que todo o restante do planejamento da

organização baseia-se nas estimativas de vendas, que por sua vez, representam a fonte principal de entradas de recursos monetários. (ver Gráfico 07).

Gráfico 7 - Metodologia de controle das vendas



Dados da Pesquisa.

A esse respeito, foi observado a partir dos dados analisados que 5% dos feirantes participantes dessa pesquisa realizam o controle das vendas a partir dos produtos que sobram; 43% utilizam a metodologia de controle a partir das anotações no caderno, e 52% afirmam não ter controle das vendas.

Os dados descritos revelam que a falta de informação acerca do controle de mercadoria e das vendas por parte de alguns feirantes que participaram da pesquisa ainda é alarmante, pois, conforme aponta O'Brien (2004), a informação é um elemento essencial para o empreendedor, pois consiste em dados expostos a um processo de transformação como cálculo, comparação, separação, classificação e síntese.

Tais processos que devem ser seguidos pelos empreendedores/empresários são processos que têm por objetivo garantir a organização, análise e manipulação dos dados, dando a esses indivíduos maior qualidade e convertendo-os em informações benéficas aos usuários finais. Tais informações podem ser utilizadas para atualizar e corrigir dados existentes ou que sejam desconhecidos, como é o caso dos feirantes que não realizam atividades de controle e mensuração dos produtos e nem das vendas, ou seja, a omissão ou o desconhecimento dessas práticas tão necessárias impedem que tais empreendedores possam manter um padrão de qualidade elevado de seus negócios.

Partindo desse pressuposto, os feirantes que participaram da pesquisa, foram questionados quanto ao uso de indicadores gerenciais. (ver Gráfico 8).

Gráfico 08 – Uso de Indicadores Gerenciais

Os dados apontam que somente 20% dos empreendedores utilizam indicadores gerenciais; 80% não utilizam ou não sabem o que são esses indicadores. Os feirantes disseram em sua totalidade 100% disseram ainda, que o controle dos lucros é realizado a partir do pagamento das despesas, isto é, tudo o que resta em dinheiro é considerado lucro. Trata-se de uma prática errônea, e que releva a ausência da prática de utilização de avaliação de desempenho e de mensuração das atividades empreendidas.

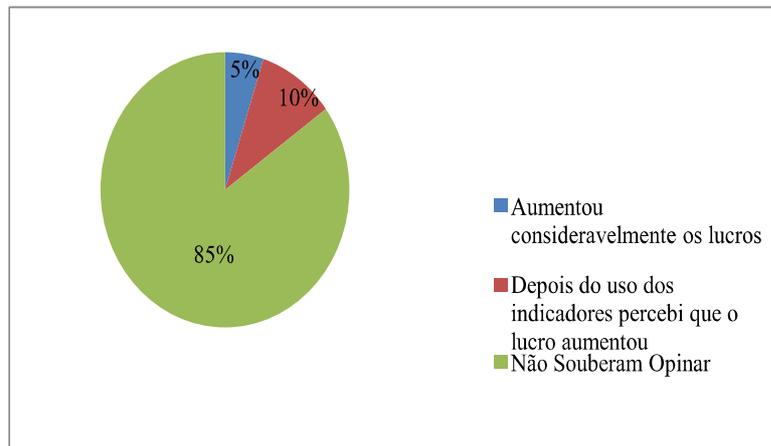
Segundo os apontamentos de Dornelas (2005, p. 47), é imprescindível que o empreendedor realize análise detalhada de seu negócio e para isso o planejamento é elemento indispensável. “Empreendedores precisam planejar suas ações e delinear as estratégias da empresa a ser criada ou em crescimento”.

Com base nas descrições trazidas pelo autor, nessa linha reflexiva, Chiavenato (2008, p. 80) em ao trazer discussões acerca da análise de um negócio, caracteriza que o sucesso de qualquer empreendimento, sendo indústria, comércio ou serviços, depende das inúmeras decisões do empreendedor antes do início da abertura da empresa, afinal, para que o empreendedor possa fundamentar suas decisões, este deverá criar um projeto que possa auxiliar e orientar no processo decisório de forma que permita identificar e potencializar as oportunidades do mercado, e que tenha métodos para reconhecer e neutralizar as ameaças do mercado.

Sendo assim, fica claro que a utilização dos indicadores gerenciais é uma ferramenta de suma importância e que deve ser utilizada pelos empreendedores, porém, mais da metade dos feirantes participantes não utilizam o que demonstra total falta de conhecimento.

No Gráfico 9 são apontados os dados que revelam benefícios por parte dos empreendedores que utilizam esses indicadores. (ver Gráfico 9).

Gráfico 9 - Benefícios a Partir da Utilização dos Indicadores Gerenciais



Dados da Pesquisa.

Apesar do número alarmante de feirantes que afirmaram não utilizar os indicadores gerenciais para mensurar dados dos seus negócios, no gráfico 09, os dados revelaram que 5% dos empreendedores participantes consideraram que a partir da utilização dessa ferramenta gerencial houve um aumento considerável nos lucros; 10 sinalizaram que houve aumento; 85% não souberam opinar, pois não utilizam nenhuma ferramenta gerencial para medir ou controlar as despesas e os lucros do seu empreendimento.

O período de tempo que permitiu interação com os feirantes foi suficiente para coletar os dados da pesquisa e foi importante para a observação de que a maioria dos empreendedores que trabalham na feira livre de Sumé – PB não realizam planejamento formal de suas ações. Partindo desse pressuposto, Chiavenato (2008) alerta que o sucesso da empresa depende das decisões do empreendedor e para que essas decisões sejam fundamentadas deve haver um projeto ou um plano de negócio a ser seguido. Em consonância, Fialho (2006) aponta que o processo de planejamento é essencial para o empreendedor não tornar o novo negócio em uma aventura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esse respeito, fica claro a partir dos dados coletados para a presente pesquisa, que as feiras livres consistem em um local de construção de relações sociais, e nesse espaço de trocas de saberes e de hábitos culturais, conforme aponta Bourdieu (1989), os envolvidos enriquecem o seu capital cultural, econômico e social através de trocas, aprendizagens e obtenção de novos conhecimentos e experiências vivenciadas pelo outro.

Contudo, podemos observar que o número de empreendedores que trabalham na feira de livre de Sumé – PB, e que utilizam os indicadores gerenciais ainda é mínimo, se considerarmos o tempo em que estes trabalham como autônomos e que o acesso a informação e a comunicação é um elemento amplo na atual sociedade moderna, ou seja, buscar capacitação e informações técnicas não é um privilégio de determinados cidadãos.

Apesar dos dados terem revelado um número pequeno de empreendedores que utilizam os indicadores gerenciais, como ferramenta para auxiliar no planejamento e controle das despesas e receitas do seu negócio, verificamos que aqueles feirantes que já utilizam conjuntamente, as novas estratégias de gerenciamento, verificaram uma consonância no estabelecimento de preços das mercadorias, e um aumento nos coeficientes de rentabilidade.

Sendo assim, conclui-se que, estudos mais abrangentes podem despontar informações mais específicas acerca destas relações, bem como das implicações conceituais particulares para cada uma das perspectivas inerentes à contabilidade gerencial.

Com a elaboração do presente estudo, foi possível verificar que os empreendedores trabalham engajados, com satisfação, isto é, estão lá não somente para adquirir condições de sobrevivência, mas também por que encontraram no trabalho uma forma de interagir, se sentirem úteis, em consonância com a prática comercial desenvolvida.

As principais dificuldades se concentraram na participação dos investigados, pois a maioria dos empreendedores apresentou características de total timidez. Porém, num primeiro momento de interação foram expostos de forma clara e objetiva, as finalidades propostas com a presente pesquisa, e em seguida foram aplicados os questionários.

A título de sugestão, compreende-se que o ambiente de uma feira livre pode ser utilizado como objeto de estudo para estudantes e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AMBROZEWICZ, Paulo Henrique Laporte. **Gestão da qualidade na administração pública:** histórico, PBQP, conceitos, indicadores, estratégia, implantação e auditoria. São Paulo: Atlas, 2015.

ATKINSON, Anthony A. [et al.]. **Contabilidade Gerencial.** Tradução André Olímpio Mosselman Du Chenoy Castro; revisão técnica Rubens Famá. São Paulo: Atlas, 2000.

AZEVEDO, J. P. W. de. **Os empreendedores de baixa renda e o sistema financeiro:** Uma análise das experiências de microcrédito na cidade do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Departamento de Economia, 2001.

BOURDIEU, P. **A gênese dos conceitos de hábitos e campo.** In: O poder simbólico. Rio de Janeiro, Difel, 1989.

CARBONE, Pedro Paulo; BRANDÃO, Hugo Pena; LEITE, João Batista Diniz. **Gestão por competências e gestão do conhecimento.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

CERETTA, Paulo Sergio; QUADROS, Cláudio Joel de. **Sistemas de avaliação do desempenho empresarial.** In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 3., 2003, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedor dando asas ao empreendedorismo.** 2 ed, Ed Saraiva, 2008, São Paulo

COELHO, J.D.; PINHEIRO, J.C.V. **Grau de organização entre os feirantes e problemas por eles enfrentados nas feiras livres de Cascavel e de Ocara, no Ceará.** In: CONGRESSO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 47, 2009, Porto Alegre: Anais... Porto Alegre: SOBER, 2009.

COELHO, A. I.; NASCIMENTO, S.; COELHO, C.; BORTO IUZZI, S.; ENSSLIN, L. **Avaliação de desempenho organizacional: uma investigação científica das principais ferramentas gerenciais.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 15., 2008, Curitiba. Anais... Paraná: ABC, 2008. CD-ROM.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor.** São Paulo: Cultura, 2007.

DORNELLAS, J. C. A. **Empreendedorismo Transformando Ideias em Negócios.** Ed Campus, 2ª edição, Rio de Janeiro, 2005.

DUTRA, Ademar. **Metodologia para avaliar o desempenho organizacional:** revisão e proposta de uma abordagem multicriterial. Revista Contemporânea de Contabilidade. Florianópolis, ano 02, v. 01, jan./jun., 2005, p. 25-56.

_____. **Metodologia para avaliar e aperfeiçoar o desempenho organizacional:** incorporando a dimensão integrativa à MCDA construtivista-sistêmico-sinérgica. 2003. 320f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em

Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2003.

ENSSLIN, Leonardo; MONTIBELLER NETO, Gilberto; NORONHA, Sandro MacDonald. **Apoio à decisão:** metodologias para estruturação de problemas e avaliação multicritério de alternativas. Florianópolis: Insular, 2001.

FIALHO, F. A. P. **Empreendedorismo na Era do Conhecimento.** Ed. Visual Books, Florianópolis, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FONTES, A. **Microempreendimentos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Diagnóstico e Políticas de Apoio.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, Engenharia de Produção, setembro, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S. dos. **O perfil dos feirantes ecológicos de Pelotas-RS.** Revista Brasileira de Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007b.

GOLDRATT, Eliyahu M., COX, Jeff. **A Meta.** São Paulo: Educator, 2. Ed. 1999.

HARRINGTON, James. **Aperfeiçoando processos empresariais.** Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 1993.

HORNGREN, Charles T., SUNDEM, Gary L., STRATTON, Willian O; traduzido para o português por Elias Pereira. **Contabilidade Gerencial.** 12^a ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

HRONEC, Steven M. **Sinais vitais:** usando medidas de desempenho da qualidade, tempo e custos para traçar a rota para o futuro de sua empresa. São Paulo: Makron Books, 1994.

LUDÍCIBUS, Sérgio de. **Contabilidade Gerencial.** 6^a ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial.** 9^a ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MACEDO, Marcelo Alvaro da Silva; SILVA, Fabrícia de Farias da. **Análise de desempenho organizacional:** utilizando indicadores financeiros e não-financeiros na avaliação de performance empresarial. In: ENANPAD, 28., 2004, Curitiba. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

MARTINS, Roberto Antonio.; NETO, Pedro Luiz de Oliveira Costa. **Indicadores de Desempenho para a gestão pela qualidade total:** Uma proposta de sistematização. Rev. Gestão e Produção. V. 5, n. 3, p. 298-311, dez, 1998.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing.** São Paulo: Atlas, 1996. v 1, Metodologia e planejamento.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTGOMERY, C. A.; PORTER, M. E. **Estratégia: a busca da vantagem competitiva**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

MOREIRA, Herivelto. CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NAKAGAWA, Masayuki. **Introdução à Controladoria: Conceitos, sistemas, implementação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

NAKAMURA, W.T.; MINETA, R.K.N. **Identificação dos fatores que induzem ao uso do Balanced Scorecard como instrumento de gestão estratégica**. In: ENANPAD, 25., 2001, Campinas. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2001.

NEELY, Andy.; GREGORY, Mike; PLATTS, Ken. **Performance measurement system design: a literature review and research agenda**. International Journal of Operations & Production Management , v.25, n.12, p.1228-1263, Dec. 2005.

O'BRIEN, James A. **Sistemas de Informações: As decisões Gerenciais na era da Internet**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PETRI, Sérgio M. **Modelo para apoiar a avaliação das abordagens de gestão de desempenho e sugerir aperfeiçoamentos: sob a ótica construtivista**. Florianópolis, 2005. 236 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2005.

RIBEIRO, E. M. **Feiras do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semiárido de Minas Gerais**. Banco do Nordeste do Brasil. Universidade Federal de Lavras, Fortaleza, 2007.

RIBEIRO, E. M.; CASTRO, B. S. de; SILVESTRE, L. H.; CALIXTO, J. S.; ARAÚJO, D. P.; GALIZONI, F. M.; AYRES, E. B. **Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro**. Agriculturas, v. 2, n. 2, jun. 2005.

RODRIGUES, Luis Henrique; SCHUCH, Cristiano; PANTALEÃO, Luis Henrique. **Uma abordagem para construção de sistemas de indicadores alinhando a teoria das restrições e o Balanced Scorecard**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia. Anais...Atibaia: ANPAD, 2003.

RUMMLER, Geary A., BRACHE, Alan P. **Melhores desempenhos das empresas: uma abordagem prática para transformar as organizações através da reengenharia**. São Paulo: Makron Books, 1994.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SATO, L. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre**. Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, v. 19, p. 95-102, 2007. Edição Especial.

SINK, D. S. e TUTTLE, T. C. **Planejamento e medição para performance**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1993.

TEIXEIRA, Zuleide Araújo. As mulheres e o mercado de trabalho. **Disponível em:** <http://www.universia.com.br/universitario/materia.jsp?materia=3010> – **Acesso em:** 30 de março de 2017.

TOCCHETTO, Marta Regina Lopes; PEREIRA, Lauro Charlet. **Seleção de indicadores ambientais para indústria com atividade galvânica**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 28., 2004, Curitiba. Anais...Paraná: Anpad, 2004. CD-ROM.

VAN BELLEN, Hans Michael. **Indicadores de desenvolvimento sustentável – um levantamento dos principais sistemas de avaliação**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 26., 2002, Salvador. Anais... Bahia: Anpad, 2002. CD-ROM.

VEDANA, V. **“Fazer a feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

VIEGAS, Waldyr. **Fundamentos de metodologia científica**. Brasília: Paralelo, 15 Ed. Universidade de Brasília, 1999.

ZILBER, M. A.; FISCHMANN, A. A. **Competitividade e a importância de indicadores de desempenho**: utilização de um modelo de tendência. In: ENANPAD, 26., 2002, Salvador. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2002.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS FEIRANTES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

QUESTIONÁRIO APLICADOS COM OS MICROEMPREENDEDORES DA FEIRA LIVRE DE SUMÉ/PB

I – PERFIL DOS PARTICIPANTES

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Idade: _____
3. Escolaridade: _____
4. O negócio é próprio? () Sim () Não
5. Há quanto tempo trabalha na feira livre de Sumé? _____

II – GESTÃO E LOGÍSTICA

6. O negócio que você administra é próprio?
() Sim () Não
7. Os produtos comercializados são cultivados por você e sua família ou são de revenda?

8. Que tipo (s) de produto (s) você comercializa?

III - CONTROLE GERENCIAL

9. Como você organiza o controle do seu negócio?

10. De que forma você costuma controlar as vendas dos produtos comercializados?

11. Qual a sua prática mais comum de controlar o estoque?

12. Como é realizado o controle de gastos e dos pagamentos?

IV – QUANTO AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

13. Você já ouviu falar em indicadores gerenciais? Se sua resposta for positiva aponte brevemente um conceito, pautado em seus conhecimentos.

14. Você costuma utilizar indicadores gerenciais nas ações do seu negócio?

Sim Não

15. Há quanto tempo você utiliza indicadores gerenciais em seu negócio?

16. É possível afirmar que a partir da utilização dos indicadores gerenciais houve um aumento nos lucros? Se sua resposta for positiva diga em média quanto aumentou.

Sim Não